

## **A ECONOMIA OU A VIDA?**

Imaginem um estudante de economia numa escola americana. Quase em segredo resolveu assistir a uma disciplina de antropologia aplicada. Naquele dia a discussão era à volta do modelo das fases do crescimento económico de Rostow. Rostow é um famoso economista dos anos 60. O seu modelo descreve as fases de transformação de uma sociedade, fases que a conduzem do estado primitivo (pré-Newtoniano) à modernidade dos países industrializados. Para bem do crescimento económico, a trajectória implica a quebra dos valores familiares tradicionais. Valores que, paradoxalmente, são suportados pelo discurso dos segmentos mais economicistas e conservadores da sociedade americana. Gargalhada geral na sala de aula. Que quer ele dizer por pré-Newtoniano? Que as maçãs caíem para cima? Por momentos, a história da existência de sociedades mais desenvolvidas e menos desenvolvidas soou a pura ideologia.

Para os economistas bem-estar significa consumo. Para consumir mais é preciso produzir mais, crescer mais, ser-se mais eficiente na afectação dos recursos. A título de exemplo, o problema da escassez de água no mundo é, para os economistas, um problema de afectação do recurso. O recurso tem de ser afectado a quem mais o valoriza, para que da sua utilização resulte a maximização do crescimento económico suporte de novos e renovados consumos. Conscientes da existência de problemas como água poluída, água não existente para o consumo das gerações futuras, etc., os economistas tratarão de internalizar as externalidades na afectação do recurso. Isto é, terão em conta os benefícios e os custos inerentes aos problemas mencionados e tratarão, de forma agregada, de maximizar os benefícios líquidos da afectação do

recurso água. No fim, se o mundo encontrar um substituto para a água, a extinção do recurso é um problema menor (sustentabilidade fraca).

Funtowicz e Ravetz (1994), tentando responder à pergunta ‘qual o valor do canto de um pássaro?’, concluíram que ‘se nós nos preocupamos com o canto dos pássaros bem como com outros símbolos com valor ambiental, temos de afectar recursos para a sua protecção e escolhas têm de ser feitas - esta é a contribuição da perspectiva económica. Mas a questão não é só uma de afectação. O valor de o canto de um pássaro tem definitivamente um aspecto monetário; mas o canto do pássaro em perigo de extinção, bem como outras exemplificações de amor, não pode ser reduzido a uma simples mercadoria. (...) o valor do canto de um pássaro também tem a ver com aquilo que ele nos ensina acerca de nós e daquilo que queremos fazer das nossas vidas enquanto por cá andamos.’ Por outras palavras, sem água a Primavera seria silenciosa. Sem água, não haveria vida com a variedade e o encanto que ainda hoje lhe conhecemos.

No presente, em Portugal, temos um problema sério de falta de competitividade, de ineficiência económica na afectação dos recursos, entre mãos. Há que o enfrentar e resolver, para bem do próprio exercício da cidadania. Isto é, para alargar, a breve trecho, o espaço das possibilidades de escolha na nossa sociedade. Para tornar possível, num futuro próximo e se necessário, a existência de escolhas que possam implicar sacrifícios de riqueza, sacrifícios de eficiência económica, em nome de valores mais nobres em sociedade, em nome da vida.

Leonardo Costa

Professor da Faculdade de Economia e Gestão

Universidade Católica Portuguesa

Porto, 18 de Outubro de 2005